



Visado pela
Comissão de Censura



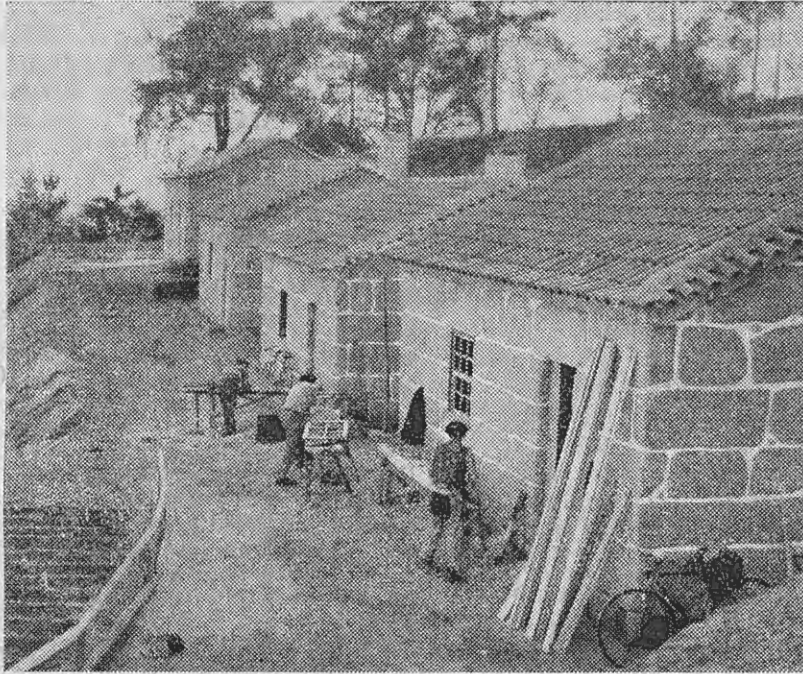
OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO X • N.º 260 • PREÇO 1\$00

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Além de muitas palavras que temos aqui escrito e das obras anunciadas, vamos hoje dar números do que está feito desde os fins de 1951 até Dezembro de 53, — vinte e sete meses. Antes, porém, de o fazer, quero dizer o sonho que tive. Que tive naquele tempo. Não era nada disto que se está operando;

não era, isto é o excesso. Ultrapassa. Assombra. O meu sonho era não morrer sem deixar três famílias na posse de sua casa. Ia ser o meu testamento. Teria a benção destas pobres na hora da minha morte. Sonhei.

Não a dormir; acordado. Por isso mesmo operava. Por vezes, entrava no pardieiro e ali ouvia as famílias do meu enlevo. Dizia-lhes da posse de uma casinha airosa com sua horta ao pé e ficava à espera... Pois bem. De entre este



Aqui Amarante. Quatro delas, com sua história. Ei-la: a Comissão acabava de construir duas, com o auxílio do Fundo do Património e nós dissemos pra frente. A dita Comissão tomou este imperativo por novos auxílios e andou pra frente. Mas nós não prometemos. Não tencionávamos. Não demos. Resultado. A Comissão mexeu-se, instalou 4 famílias. As casas estão pagas. Vão construir mais. Lição: em lugar de fazer festas, façam-se casas. Elas pagam as casas.

número de três, sendo qual delas a mais pobre e mal servida, nenhuma, contudo, admitia a possibilidade de vir a ter casa própria. Era assunto arrumado. Assim viveram os seus antepassados. Não temos quem seja por nós. Fatalismo! Ouvia e regressava a casa com o segredo escondido no peito. Nunca o revelei. Não tem esta sorte de incredulidade. Sei que os Pobres acreditam em Deus. Tinha posto no meu animo e havia de realizar o sonho.

Chamei o mestre de obras. Escolhemos o terreno. Esboçamos. Quando iam começar a obra sopra o vento de outro lado...! O vento sopra aonde quer. Não foram três. Não foram trinta. Estamos perto das trezentas!

Se chegarmos às três mil teremos de aceitar e bendizer a palavra que o Anjo Gabriel trouxe à terra: *A Deus nada é impossível*. Na diocese do Porto, construímos por nossa conta e risco 51 casas nas freguesias de Canelas, S. Martinho do Campo, Paredes, S. João da Madeira, Paço de Sousa, Galegos, Cabeça Santa, Lagares, Parada e Rans. Na diocese de Coimbra e freguesias de Miranda do Corvo e Lavos, erguemos nove delas. Diocese de Lisboa e freguesia de S. Antão do Tojal, erguemos cinco. Ajudamos o pároco de Melres e o de Fontelo e o de Fontelas e o de Tomar e o de Sinfães, Urgezes, Alcanena, Agueda, Amarante, Penafiel, Esporões, Eixo, Coimbra, Barcelos, Carvalhido, Recarei, Barbacena, Mirandela, Torres Vedras, Santarém, Marinha Grande, Valadares, Valpedre, Louredo. Com esta nossa ajuda, os párocos daquelas fre-

guesias, ajudados pelo seu povo, fizeram entrega de 74 casas. Mas nós temos ido por outros caminhos. Também ajudamos os vicentinos de Braga. Viseu, Castelo Branco, Campo Maior, Cinas de Sabugosa. Dá se consoante as terras e as circunstâncias e a nossa capacidade.

Tendo chegado aqui, sabemos e declaramos que além das igrejas e dos vicentinos, muitos Particulares, pelos seus meios, constroem casas que oferecem à Fábrica da igreja paroquial. Destas já se contam por dezenas e dezenas. *A Deus nada é impossível*. Antes de sairmos e no intuito de dar aos leitores mais alegria, damos notícia das nossas agências. Sim! Nós temos agentes espalhados por aí fora e pela acção deles, muitos pobres têm sido e estão sendo remediados. É um auxílio eficaz. Ajuda-se o próprio à sua casinha com o auxílio de outros vizinhos tão pobres como eles. Outras, a cair de velhas, são reconstruídas. Outras, aumentadas, que a família cresceu e as posses não. Tudo isto é Património dos Pobres.

Ninguém faz caso de nós. Vem de tão longe este costume e é tão verdadeira a lamentação, que todas as famílias, hoje em suas casas e disfrutando seus quintais, ainda duvidam. Aqui há tempos, tendo entrado numa destas casas, dei com a mãe a beijar o filho mais novo, que esteve à morte na toca donde vieram. Eu tinha-o visto então. Tinha visto e sentido a falta de espaço e de higiene e de tudo. Pois bem. Aquela mãe levanta-se com o pequenino ao colo e diz-me: *será verdade senhor fulano? Olhe a cara deste meu menino, tão linda agora e era mortal!* Como este caso quantos eu não poderia dizer! E quantas pessoas, que podem dar testemunho, por aquilo que ouvem dos próprios? *Ninguém faz caso de nós*.

Não fazia. Agora fazem. Agora todos querem. Pensa-se de outra maneira. Formam-se outros juízos. Muda-se de opinião. Os que nunca deram nada a ninguém perguntam como hão de dar. Quem dava pouco dá agora mais. Segundo o que a Provisão nos vai revelando, tem havido Pais afortunados que também querem dar uma casinha ao Património, enquanto fazem a do filho que se casa. Avós em nome de seus netos. Muitos que jamais a tiveram nem esperanças, ajudam a fazê-las para os Pobres! Outros chefes de famílias, pagam renda enquanto não constroem a casa do Património! Oh riquezas inenarráveis,

EM DISTRIBUIÇÃO

«O OVO DE COLOMBO»

Pedidos à Editora
Tipografia da

CASA DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

O OVO

Por lá anda. O Ovo de Colombo está em franca distribuição. Fez-se uma depuraçãozinha nos ficheiros por meio de inocentes postais. Costumava-se ver e agora já se não vê gaveta dos caloteiros. Eu cá acho pouco reverente, mas são eles. São os rapazes.

Anda por lá o Ovo. Zé da Lenha cose. Malaia põe grude. Outros ajudam por outras formas. A senhora dos Correios refila. O povo gosta de ler. Anda por lá o Ovo.

O que por ele nos dão, passa das marcas. Nem matéria, nem forma, nem materiais, nem nada. É tudo excesso. Não é livro de escândalos. Não diz mal de ninguém. Nada sensacional. Nada da última hora. Nada. Então quê? Diz a verdade.

Quando os rapazes regressam da Censura com o Gaiato, trazem sempre o recado — não cor'aram nada. Mal vai a um Povo aonde cada um possa sair de casa e dizer na imprensa o que lhe apetece. Mal vai! Mais do que desordem, é a ruína. E também seria ruína se cortassem a Verdade, quando e até onde se pode e deve dizer.

Anda por lá o Ovo.

escondidas há séculos no Coração de Cristo! É por elas; é por meio destas riquezas que, os mesmos que edificaram o fatalismo na mente do Pobre, (*ninguém faz caso de nós*) estão hoje reparando o mal! Vamos ganhar a confiança deles.

Temos aqui cartas de párocos. São de Trancoso e este já tem oferta de terrenos e dinheiro. De Portelo de Cambres, também com duas casas do Brasil, materiais no seu povo e muitos estúbulos ocupados por entes humanos. A palavra é dele. De Vila Nova de Foscôa, de Mesão Frio. E mais e mais e mais. Vamos ganhar a confiança do Pobre.

Uma notícia formidável

No dia 8 deste mês e capela da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, lançou-se o fundamento de 38 casas para Pobres, por sobre os arcos de Miragaia, num terreno cheio de sol, que a Excelentíssima Câmara do Porto nos entregou. Foi à hora da Missa, tendo por ajudante o pequenino Ramada, aquele mesmo que um dia, à vista de um colega recém-chegado, vai por água quente, ajoelha-se e lava-lhe os pés! Eu sou testemunha.

Precisamente à mesma hora deste silencioso acontecimento, o nosso Mestre d'Obras, Francisco Loureiro, procedia à abertura do alicerce das primeiras. Que ninguém diga mais nada. Estão em causa membros magoados do Corpo de Cristo!

NOTA DA QUINZENA

Tal como nas cidades e portas da Misericórdia, também aqui todos os dias, aparece o homem das queixas e atestados. São legiões! Ontem era um, que andou a pé 18 quilómetros e com outros tantos regressou. Tem 72 anos de idade. Vinha arrimado a um varapau. Quer saber se eu conheço o Senhor Governo e à minha resposta afirmativa pergunta se eu sou capaz de lhe escrever a pedir alguma coisinha de comer pra mim mais pra minha mulher. Imediatamente o simpático ancião larga o pau das mãos, deixa-o cair sobre si, estende aquelas e declara toda a vida trabalhei, olhe. Era verdade. Dedos e palma — mãos de cortiça. Este homem não sabe nada de organizações da vida social; não sabe. Mas o seu toda a vida trabalhei dá-lhe a razão do que veio aqui pedir. É a justiça. Justiça imanente. Se tivesse sido um mentiroso, não tinha mãos para mostrar, não compreendia a justiça, porque nunca foi justo. Viria aqui mentir, como outros fazem.

Mandei entrar e sentar-se à mesa. Pergunto-lhe se ele alguma vez serviu o Senhor Governo. Não. Foi soldado e deu-se à vida de mi-

neiro. *Eu não sei ler.* Esta afirmação na boca de um português, esta finalmente e felizmente condenada à morte. Os analfabetos de hoje, adultos, não podem dizer como outrora a Jesus, o coxo de Betsaida — *Não tenho quem me ajude.* Não podem. É a verdade deste não podem é toda a sua condenação. Se mais tarde, pela vida fora, derem com portas fechadas, eles sabem que é obra sua. Liberdade e responsabilidade, aqui como no mais, têm de ser irmãs unidas. Morreu em Portugal o analfabetismo, sem peditórios.

Mas prossigamos. O nosso homem, agora quentinho de estômago e algebeira meteu-se a caminho contente e confortado.

Quanto ao Senhor Governo, o Governo e a Igreja estão na freguesia deste e de todos quantos racionalmente precisam. Se não de facto, a Casa do Povo existe em potencia em todas as freguesias. Existe a Comissão de Assistência. Além desta e da mesma sorte as conferências de S. Vicente de Paulo. Sim. Está o Estado. Está a Igreja. Estão legiões a chamar. Então quê? Falam homens para trabalhar.

Ecoss do Atlântico ♦ Por Padre Elias

Aqui vou eu a transportar a minha Cruz: para o Calvário que Deus me preparou nas Ilhas. Vou contente pois que são tantos os Cerineus a ajudar a subida que o peso quase me não chega aos ombros. Dizem-me alguns que isto foi uma lança em África. Eu cá digo que não. Foi mais uma vitória da verdade e mais nada.

Uns leves empurrões, umas pequenas pedras metidas nos meus sapatos, tudo para me dizer que a obra é divina.

Podia dizer-vos agora dos empurrões e das pedras, podia mas não quero. Não gosto nada de tragédias. Prefiro antes dizer-vos do calor e dos Cerineus.

Agora pelo Natal, tivemos o sol a pino sobre a nossa Casa. Andou no ar o Natal do gaiato, organizado por uns amigos apaixonados. A cidade caiu em peso cá em cima na noite de vinte e três. Brinquedos, bombons, dinheiro e géneros. Ao todo uns dez deles. Foi uma festa linda.

Poesias dedicadas ao Zé Mau, orquestras, canções e imitações. Nós estivemos também na hora própria com a Loja do Mestre André, a Cachopa e outras regionais. Foi a paixão, o delírio.

Mais ou menos a meio do serão uma voz gritou pelo Pai Américo e eu julguei-me em Paço de Sousa.

Aquilo foi dar largas ao coração, foi uma homenagem de profundo reconhecimento. De mistura com os vivas e as palmas, havia lágrimas nos olhos das setecentas pessoas. Viva o Pai Américo!

No fim fui eu intimado a dizer. Não era difícil e por isso mesmo não me fiz rogado, disse sem medo.

Comecei por agradecer e depois dei resposta ao senhor que há poucos dias ainda, tinha dito que quem perde a vergonha é uma vez só, referindo-se ao meu muito

pedir. Eu creio que respondi bem. — Se peço muito, em toda a parte e sempre não é porque perdi a vergonha mas sim porque tenho muita vergonha do abandono a que botamos os Pobres.

O auditorio interrompeu-me para apoiar e eu terminei enviando um obrigado ao Pai do Céu e um bravo à Ponta Delgada.

Depois foi a consoada, cozinhada já no fogão novo e em seguida a Missa do Galo. Eu ao Altar e eles sôzinhos cantando a primor a Missa de «Angelis».

Andei depois pelos dormitórios fazendo de Menino Jesus colocando brinquedos nos sapatos de cada um.

Restaram muitos. Lembrei-me do Zeca, do Manel Bucha, do Manel do Embrulho, do Enguiço. Lembrei-me sim, mas nós ficamos tão longe.

No dia do Santíssimo Nome de Jesus, após a festa solene foi a eleição do chefe.

Seis candidatos e Rafael em primeiro plano. Fiz as últimas recomendações, sentei-me a presidir à urna e tão nervoso como eles. Rafael conquistou a maioria. Eu já o esperava.

Todas as minhas atenções vão agora para a primeira Casa do Património dos Pobres que vai subindo a dois passos de Ponta Delgada. É uma cópia fiel do chalé dos Pobres do Tojal. Foi um propósito que eu fiz no dia da entrega e no meu segundo de gaiato. Nunca mais a esqueço. Nem só o Pai Américo deixou ficar lá os olhos. Também eu a achei tão linda.

Só depois irá o Cruzeiro de pedra como o Snr. P.^o Adriano mandou. O arco do trufo só Deus sabe quando o poderei erguer. Eu não digo dos empurrões nem das pedras. Prefiro antes dizer-vos dos Cerineus e do calor.



Aqui, LISBOA!

Enquanto o problema da habitação dos Pobres, aqui apresentado quinzenalmente, está a ser debatido na Assembleia Nacional, nós queremos levá-lo também a todas as igrejas de Lisboa. Os católicos hão-de ser os primeiros a dar o passo. Está aqui a razão da insistência com que pedimos que nos abram as portas.

É a quinta vez que batemos à porta de algumas, sem que nos tenha sido possível entrar. Iremos até à meia dúzia, depois... sacudiremos o pó.

Mais do que pedir uma esmola, interessa-nos criar uma mentalidade cristã para com os infelizes.

No Verão, percorremos a Costa do Sol. Ficou para trás o Estoril. Em compensação, Cascais chamou-nos por duas vezes.

Na sacristia, um cavalheiro veio protestar furioso nestes termos:

— Você foi injusto. As suas afirmações não me convencem; em Cascais não há pobres.

Quis dar uma explicação, apresentar sangue, pegar-lhe por um braço mostrar-lhe a sua própria terra. Ele não quis.

Já disse: não lhe admito satisfações! E retirou pela porta fora.

Nos donativos que por lá recolhemos e nós que aqui nos chegamos, mais do que o volume ou a quantidade, alegra-nos o crepitar da chama interior que os promove. Por isso aqui os damos à estampa.

Para os Pobres da Conferência, 50 das Caldas da Rainha, 100 do Grémio dos Industriais de Prod. Farmacêuticos, uma promessa a S.^{ta} Filomena 50; da Direcção da Sacor 6.000 e mais uma Casa em que deram as mãos os Empregados e a Administração. A Casa da «Mundial» também deve estar por pouco, pois no Montepio a lista é acrescentada todos os meses com 700\$. Já temos terreno para a casa da Hidráulica. Vai ficar em terrenos roubados ao rio Trancão, em frente duma fábrica de seiscentos operários para que eles vejam e saibam quem lhes quer bem. De Agualva, apareceu um vale de 683\$50, numa carta que diz prover esta quantia dum grupo de «Empregados na generalidade insuficientemente remunerados». Entretanto, acrescenta, não será a última vez, tão fácil é conseguir sensibilizar o pobre para ir em auxílio do seu irmão ainda mais

pobre». Da trav. das Águas Livres, 50 no Patriarcado 1.000 mais 1.000 dum anónimo; no Tojal, carne de suíno em abundância para o dia de Natal; de Bucelas 100 e mais bolo-rei; no Montepio, são frequentes as carradas dali retiradas, para dar espaço a que outros depositem. No balancete do fim do ano, diremos brevemente a soma dos depósitos que constam das listas. Dez pneus, 100 de A. S., 100 da Rua do Lavra; 100 da Rua Luciano Coelho. Da Presidência da República, um fardo de bacalhau. Feliz povo que recebe nobres exemplos do alto. Mais três fardos com dois officios dum senhor muito amigo: um a dizer que o Grémio está proibido de dar; outro a dizer que dão os agremiados. Vale o mesmo. Contudo achamos estranho que se proíba fazer bem a quem o quer e pode fazer. Não será isso abrir a porta a irregularidades? Dos Produtos Lácteos 164\$50; do Grémio dos Exportadores de Azeite 400 mais 50 litros de azeite. Assim é que é 150 dos Empregados do Crédito Predial; 200 da Companhia G. de Cal e Cimento. No Lar 130 de visitantes, no Presépio e roupas e assinaturas e remédios e 120, um sobretudo e calçado. Figos em Loures. 500 do Banco de Portugal, mais 200 por intermédio dum bom amigo de lá. Mais figos da Praça 24 de Julho, 100 por alma de Horácio, de Algés; 50\$ por alma da «ninha santa mãezinha; pai e irmão João». Uma grade de galinhas e gansos de Galveias; 100 para um vidro duma janela. Ao Octávio 50; por alma de A. A. Gonçalves 50; 1.000 de Visitantes; 500 pelas melhoras dum doente tabaco e 60 de migalhas coligadas pela «formiga», 40 duma figueirense; vários 20 e 50 e 100 às portas das igrejas entregues aos vendedores; 4.500 dum Sacerdote da Nova Lei; 1.000 da Caravela; do Vera Cruz 70 e um ramo de horquideias da Madeira. Sempre que o transatlântico atraca em Lisboa, aí vem este nosso amigo com bolas, flores e mimos para os gaiatos, como se fossem seus filhos. Da Maria da Esperança mais 50, dos Restauradores. Nada de desânimos! Do 2.^o Centro da Mocidade Portuguesa F., uma grande excursão e alguns 150 pacotes de mercearia e 280\$; 50 em Loures para a Conferência; 500 pela descoberta dum bom Amigo que aparece, nesta altura, todos os anos; no Lar, bacalhau, meias e cobertores; 20 da Rua do Salvador e 710\$ de nove Empregados da Secil, sócios de uma cautela, para o Património dos Pobres; roupas da C.^a do Busy, na Beira, que aparece várias vezes; 50 duma promessa duma paroquiana da Penha de França e vinte de outra paroquiana de Fátima; 1.620 dos Empregados da Vacuum; 20 e abafos para crianças recém-nascidas da Av. Almirante Reis e 20 das Lages. Mais embrulhos de preciosas roupas usadas e mobílias de Benfca. Finalmente 250 de Coimbra em testemunho de gratidão por todos os benefícios recebidos de Deus, do primeiro ordenado. Por quantos que se recomendam às nossas orações e sufrágios nós ficamos de mãos erguidas.

Padre Adriano

Boas Notícias

Pela primeira vez na história da «Obra da Rua», vai entrar um «gaiato» na regência de uma das nossas escolas — a da Casa de Paço de Sousa. Já está superiormente nomeado. É o Carlos Inácio de Oliveira Pinto, de 22 anos de idade, de Ramal de.

Outros hão-de chegar à mesma altura de tal sorte que, a seu tempo, teremos nas nossas escolas os nossos, a reger os nossos.

É porque não, se no campo e oficinas o sistema prova tão bem?

Tribuna de Coimbra

ISTO É A CASA DO GAIATO

Notícias da Conferência
da Nossa Aldeia

A! Cheguei há pouco do Bairro das Latas. Fui ali hoje pela primeira vez celebrar a Santa Missa ao novo Centro Operário. Comigo foram os nossos rapazes do Lar. Sentimos e apalpamos ali a pessoa divina de Nosso Senhor Jesus Cristo. «Ali os pobres julgam-se ricos e os ricos sentem-se pobres», como me disse o Padre João.

É um edifício novo de raiz com um salão e uma mesa de altar feita de pedra tosca com Crucifixo (altar recolhido por cortinado de madeira) sala de leitura, quarto de banho, salinha de direcção, a sala de assistência médica. Na cave tem ainda uma sala espaçosa.

Tudo ali é obra de amor. O terreno, rodeado de grandes eucaliptos, foi cedido gratuitamente pela Ex.ma Câmara de Coimbra. Os materiais de construção em parte oferecidos. O trabalho, grande encanto de tudo aquilo: foram as horas livres daqueles habitantes. Ali passaram parte do seu domingo e gastaram muito tempo do seu repouso. Por isso agora com todo o carinho e até santa vaidade elas lhe chamam o «nosso Centro».

Aqui está uma prova a afirmar quanto vale a boa vontade de uns, e despreendimento de outros, o trabalho e sacrifício de tantos. Cristo Vivo no meio de nós! Ali sentimo LO e tocamos LO. Eu creio. Todos ali somos pequenos e todos grandes: irmãos.

Deus queira que muitos Centros Operários se ergam em Portugal!

Ao lado, a cem metros, sobem muito lentamente dez moradias: quatro do Património dos Pobres e seis para operários pobres do plano da Auto Construção; isto é, cada operário com o seu estorço vai construindo o seu ninho que um dia irá habitar com os seus.

E eu vou até lá muitas vezes para sentir e gozar a alegria daqueles homens que andam a construir. É coisa deles, é carne da sua carne, vida da sua vida. Com que alegria e esperança eles andam a trabalhar! Eu vou lá muitas vezes gozar com eles!

Também aquele terreno foi cedido pela Câmara de Coimbra, a nosso pedido.

Cada casa vai ficar com sua horta. Já ali gastamos trinta e cinco contos; foi uma casa de doze deixada no Porfírio Delgado e outra levada ao Lar por uma Senhora Viuva; têm vindo mais umas migalhas, mas poucas e pequenas. Não acredito que Coimbra durma, mas acredito que esteja um pouco sonolenta.

Onde estão os empregados dos Bancos? E os das Fábricas? E os das Empresas? E as Companhias? E os Colégios e os Liceus? E os Correios?

É só no Porto e em Lisboa que há desta gente?

As casas estão a subir e as esmolas para elas a descer. Ora assim não está certo. Esta balança é diferente das outras. Ambos os pratos têm de estar ao mesmo nível.

Nos últimos meses só apareceram duas camionetas de blocos duma Empresa de cinco irmãos muito amigos; e uma ceira de pregos; e em Novembro 120\$00 e Dezembro 270\$ e nos anteriores nada.

Pensai e vede se podemos continuar a construir em Coimbra e dizer-me por carta ou à mão, ou nos depósitos ou em casa.

Assim o espero.

PADRE HORA'CIO

*** Acontece que o Júlio Gomes, houve de ser transferido do escritório do Avelino para o do Júlio Mendes. Aquele escritório é o de maior movimento de toda a casa. São os de dentro e sobretudo os de fora. O telefone está constantemente a chamar pelo Júlio. Qual? Qual deles? Eis a questão.

Chamei os dois e propuz que um seja Mendes e outro seja Gomes, para evitar equívocos. Que não. *Eu sou Júlio*, disse o Mendes. *Eu sou Júlio*, disse o Gomes. Ora nós devemos ir às origens, se quisermos achar o significado daquela bela e piedosa relutância. Não é uma desobediência, e mais parece que sim. Não é. É a lei sagrada da Família. Estes dois moços dizem, confessam, declaram o ambiente familiar da Obra *Eu sou Júlio*. Jamais um pai de família deu aos filhos o nome de família mas sim o de batismo. O íntimo. O amoroso. O caseiro. E o trato entre irmãos é da mesma sorte. *Eu sou Júlio*. Se eu quisesse ateimar e lhes pusesse o Mendes ou o Gomes, seria inútil. Ninguém aqui em casa os chamaria por aqueles títulos. Os laços da família são diferentes das leis. Não códigos. Não parágrafos. Nada de artigos. Nós somos uma Família.

Esteve aqui um rapaz húngaro, que nos visitou de mando dos nossos zambezianos do Luabo, e é colega deles. Conversamos. O hospede informou que todos os Empregados da Sena Sugar se impressionam, e ele também, observando que os rapazes da Casa do Gaiato são como irmãos. *Andam sempre juntos*. Pois são. Pois andam. É o bafo.

Eu sou Júlio. E pronto. Temos de nos remediar. Como é triste o número e a ficha e todos os males necessários dentro e no meio das populações desta natureza!

*** A Senhora do hospital saiu daqui agora mesmo com uma queixa. É

o Cocos. O Cocos vai pela cozinha em cata de coisas boas e leva para o hospital e dá aos doentes! Por isso é que o Arturito, tão depressa tem alta como baixa novamente e não há jeitos de sair do hospital. Os cozinheiros foram avisados e prometeram surtir-se o Cocos tornar. Vamos a ver. Eu cá não digo nada. Teremos nós ali um futuro enfermeiro?!

*** Ontem, quando saía de celebrar, vejo à porta dois agentes de autoridade equipados, à procura do Páinso.

Como a hora era de gelo, convidei os dois a tomar uma chávena de café. Os homens mostravam-se relutantes: mas logo da cozinha sai um ajudante que os arrasta. Outros rapazes vieram. Os dois sacristães, não quiseram mais saber do arrumo das alfaias. Muitas obrigações ficaram desertas. Na cozinha não se dava volta. O cozinheiro, põe as coisas no refeitório das senhoras, mas este a breve trecho enche-se e os dois convidados não podiam entrar! O remédio foi ir para o refeitório dos grandes.

Ora a que vem tanto alvoroço? Nada. É o polícia. O polícia, na ideia desta classe de rapazes, é o grande estorvo. É uma grande parte da sua vida. Evitar e fugir do polícia, toma-lhes os movimentos. As suas vitórias, seus receios, os grandes perigos, tudo é ele. Pois bem Aqui não. Naquela manhã, 170 rapazes, alegres e livres, gozavam momentos deliciosos. *Anda-os ver*. E todos foram. Nunca a ninguém deram café com mais afecto, do que a estes dois hospedes, que parecem inimigos, sim; mas não. Era a Rua.

AGORA

Hoje abre a procissão um Anónimo, que deixou no Banco Espírito Santo 600\$ Abre a procissão e abre uma porta. Eu cá não conheço maneira discreta de carrear materiais para as casas do Património que estamos a construir no Porto Não sendo assim, toda a gente vê; que a cidade é grande, as ruas peçadas e todos espreitam. Ora nós ficamos a esperar esta maneira de contribuir e prometemos marcar a cada um seu lugar na procissão. Afastem-se pois. Deixem passar este Anónimo.

Mais larguesa. Muita larguesa. Quem tiver capas que as deite no chão. É um casal de Lisboa.

«Eu e meu marido gostávamos de contribuir para uma casinha duns pobres com filhos. Não somos ricos, mas com a graça de Deus temos o suficiente para vivermos. Estivemos nas colónias terra deserta sem nada para distrações apenas trabalho e sacrifícios. Tíhamos guardados dez contos para de volta darmos alguns passeios. Ao lermos o Gaiato ao ver quantos nossos irmãos vivem na miséria na curraleira e outros pontos juntamos mais dois contos, e o meu marido foi ao Banco Espírito Santo para depositar os 12 contos.»

Agora vem lá muita gente. E o Hospital Militar do Porto. A casa foi-nos entregue aqui em Paço Sousa, naquela tarde, pelo General Ex.^{mo} Snr Cotta de Moraes

RECEITA	
Collectas nas reuniões	1.340\$10
Subscritores	1.510\$00
Donativos	28.390\$30
Saldo do ano anterior	10\$60
	31.251\$00

DESPESA	
Socorros em géneros	10.078\$00
« dinheiro	9.059\$50
« medicamentos	10.365\$80
Rendas de casa	480\$00
Diversas	900\$00
Despesa total	30.883\$30
Saldo para o ano seguinte	367\$70
	31.251\$00

Os números são bem a expressão material da nossa actividade. Por isso dispensamo-nos de comentários. Apenas acrescentamos que, durante 1953, visitamos em média quinzenalmente 14 famílias indigentes, internamos em asilos e hospitais 3 pobres e demos ocupação, por desempregados, a dois. Baptizamos 2 criancinhas e distribuímos roupas e móveis sem conta.

—De Carolina Botelho Andrade Rego, do Porto, 5\$00. Assinante 4571, 10\$00. Gaia com 100\$. Assinante 6586, 30\$ e o 17022, 50\$00. Figueira da Foz 20\$00 Assinante 9335, 50\$00, e o 8950, 100\$. Maria Adelaide Café, de Castelo Branco 10\$00. Valongo 20\$. Assinante 3344, 10\$00. José Miranda Júnior

Continua na 4.ª página

com duas palavras de subido valor. Vinha o Director. Assistentes. Médicos Um Sargento. Um Furriel. Um Soldado. Representação plena. Só faltou um Doente, porque doente. Mas fomos informados que não houve um no hospital que não tivesse dado o seu tostão. Oh Casa!

Ora o lindo é que, momentos antes de receber estas duas, tinha eu estado a passar cheques do fundo do Património, para párocos e vicentinos.

Passar cheques a desconhecidos! Podia não acreditar. Exigir fiador. Ia ver. Tudo consoante o mundo. Mas não. Gosto de receber na volta:

«Na verdade, só o ideal da Caridade de Cristo que nos une é que pode tornar possível no mundo o enviar-se cheques a pessoas desconhecidas à base de confiança!»...

São afirmações consoladoras. O Espírito vence e permanece. Vai aqui Luanda com 250\$. Acabaram os Angolares. Arrumem-se que vai passar gente moça. É um estudante de Lisboa a dizer: O Gaiato conseguiu erguer uma formidável frente contra o egoísmo e indiferença e o incompreensível. E leva 200\$00 na mão. Passa Inhambane com 180\$00. E África. Os da Chenop continuam carregando materiais. Hoje são 242\$50. Fica sendo a Casa dos pedregulhos. Atenção ao Congo Belga. É a Ema de Bumba. Leva 500\$00 que lhe devem ter custado mil francos. Uma telha de 20\$00

Continua na quarta página

PELAS CASAS DO GAIATO

LAR DO PORTO Foi no dia 10 de Janeiro de 1954, que jogou no famoso Estádio das Antas o F. C. do Porto contra o S. L. BENFICA. E, como nós tanto os do Lar dos grandes como os dos pequenos ainda não tínhamos visto nenhum jogo da 1.ª divisão resolvemos ir até às Antas ver se conseguíamos entrar Fomos e fazíamos portadores de uma carta a confirmar em como pertencíamos à Casa do Gaiato. Pareciamos uns pintassilgos pelo caminho, cad' qual a discutir do seu clube e o que se ouvia mais era a falar no SPORTING, que segundo nos parece vai muito bem encaminhado para o 4.º título consecutivo. Chegamos ao Estádio e não nos deixaram entrar. Os amigos letores não devem acreditar mas o certo é que demos mais de 20 voltas ao Campo e nada arranjamos.

Aqui fica aos directores do F. C. do Porto um apelo para que nos deixem entrar no vosso famoso Estádio quando das nossas poucas idas a esse organismo.

Nos os SPORTINGUISTAS temos disputado alguns desafios com os PORTISTAS, que nunca nos ganharam um jogo, tanto em futebol como em hóquei em campo. Cá em casa muitas vezes há zangas por causa do futebol, mas que, uma só bola que temos, e já velha não chega para todos.

—Amigos leitores, a senhora pediu-me a ver

se eu punha no jornal a dizer que não temos nenhuma roupa de dentro, e que se houvesse alguém que pudesse mandar agradeceríamos. Estamos à vossa espera.

Manuel Figueiredo

TOJAL Um dos nossos companheiros, o Parda-leiro, que tinha sido abandonado pela mãe em Setúbal e que chegou até a ser atirado ao rio para ser morto, descobriu agora que tinha um irmão e quis ir passar o Natal com ele. Foi e não soube mais o que se passou, mas o que é certo é que quando voltou, vinha mesmo na última. Já não sabia o que dizia. Chegava-se um ao pé dele a perguntar-lhe onde é que ele estava e respondia: na quinta da ti Rosa. Chamou-se o médico e viu-se que trazia uma pneumonia e uma febre tifóide. Quase perdemos a esperança de salvação. Foi para o hospital do Rego e já está um pouco melhor. Talvez escape.

—A pobre da nossa Conferência, que vivia em Pinturas também esteve à morte. Ela vivia com uma filha e por infelicidade era tonta. As vizinhas com medo dela não entravam na choupana da pobre mulher. Se ninguém lhes acudisse morriam ambas à fome.

O Sr. Engenheiro foi a Lisboa e expôs o caso ao Sr. Dr. Ilharco que veio logo buscar a doentinha da cabeça e levou-a para a Idanha. Trouxemos para nossa Casa a pobre velhinha que tem dado muito trabalho, agora está muito melhor, graças a Deus já dá algumas passadinhas.

A nossa Conferência é que tem valido a estes pobres. Não poupamos a despesa e por isso chegámos ao fim do ano com quinhentos escudos de déficit. Os leitores têm que nos acudir.

Nos aqui temos tido telefonemas, correio, visitantes que nos têm perguntado aonde é que fica o Lar do Gaiato em Lisboa.

Para que todos fiquem sabendo aqui fica a resposta. Rua Capitão Renato Baptista, 70-1.º Lisboa, número do telefone 49001. Mas como a Rua do Ouro é mais central, tudo o que quiserem mandar, o melhor é depositar no Montepio Geral.

Joaquim A. Gouveia Marques

PAÇO DE SOUSA O Sporting Club da Tipografia agora não tem jogado porque tem estado o tempo muito frio.

Convidamos, para mais para diante um desafio com os nossos colegas do Lar do Porto, mas estes tiveram medo e não quiseram jogar.

Agora vamos tentar afiná-los pa a ver se eles resolvem cá v.r.

Desde já avisamos para eles não terem medo pois nós ao chegarmos aos nove paramos a margem.

—Já têm seguido centenas de exemplares do «Ovo de Colombo» que vão correr Portugal inteiro como um peregrino que em nome do Todo Poderoso espalha o bem, para trazer mais ovelhas para o nosso rebanho.

Avisamos os senhores mais atrasados que façam a sua inscrição o mais rapidamente possível, pois esta edição vai esgotar-se mais depressa que as outras...

Vamos que o tempo urge!

—Para a biblioteca não vieram livros nem revistas nenhuma, mas esperamos que não fiquemos assim, pois os senhores bem sabem que nós precisamos deles...

—As obras das nossas novas oficinas já vão na última fase e dentro em breve estarão a funcionar.

Assim vão ficar as oficinas que se encontravam dispersas, todas juntas e fica a nossa tipografia mais à larga...

—Agradeço ao Senhor António da Silva Peralta, solicitador encartado da linda cidade de Aveiro, que me tem enviado jornais das mais variadas regiões. Agradeço também a «Uma Admiradora da Obra da Rua» os selos que me envia e que eram muito bons, com promessa de mais.

Por último agradeço ao tal Senhor de Coimbra que todas as semanas me tem enviado jornais e muito bons.

—Amigo, se tens alguma roupa velha, não a mandes para o farrapeiro, pois temos muitos pobres em Paço de Sousa, que nestes dias frios andam a bater o dente por não terem que vestir.

Daniel Borges da Silva

A venda do Jornal

NA MURTOSA

Venho pela segunda vez falar da venda do nosso jornal, na Murtosa. Eu desta vez fui comer a casa da Senhora D. Flor e fui muito bem recebido. Muito obrigado.

Esta quinzena já levei 200 jornais, espero vender tudo, porque a minha vontade é vender muito para que o «Famoso» seja conhecido de todos os portugueses de bom coração.

Os senhores da Murtosa são muito meus amigos mas estou muito zangado com a empresa das camionetes porque me levam dinheiro de Estarreja à Murtosa. Aqui fica o apelo para a borlasinha. Entendido?

U
M
A
N
U
N
C
I
O



Vai aqui o retrato do artista e seus trabalhos. No dia dos meus anos o Fonseca, de prenda, deu-me o objecto suspenso na parede e o mesmo, anda actualmente ocupado com 6 candeeiros iguais aos da gravura, para a Igreja de Santo António do Tojal, aonde temos a Casa do Gaiato. Ora como o novo edifício das oficinas está por pouco, nós queremos oferecer ao público trabalhos deste teor. Não serão a perfeição, por enquanto, mas são o risco do ferro. Hoje há a tendência para ornamentos desta natureza. Os que casam, encomendem-nos com indulgência. Uma coisa pequena, já se vê, por graça e por amor. Os preços serão da mesma sorte, e assim chegaremos à perfeição de uma arte prometedora. Ficamos à espera.

Quero também falar do meu patrão o Ex.º Sr. Dr. Mário Lopes, é muito meu amigo e brevemente conto que ele me faça um aumentosinho no ordenado.

Agradeço também ao meu amigo Sr. Luiz Gonzaga Parada, pelas surras que me tem dado.

Daqui quero pedir o favor aos Senhores da empresa do Teatro Cine da Murtosa, para darem ordem para eu entrar na sala para vender o jornal, e me façam as outras casas de espectáculos de outras terras do país.

Espero de ser bem cuidado e bem atendido. Para já muito obrigado.

Eu também coleciono selos e assim peço a todos o favor de se lembrarem cá do rapaz. A minha morada já todos a conhecem, é o Lar do Porto.

Amadeu da Silva Rêcio

Crónica Desportiva

G. D. da Casa do Gaiato—1
F. Club Sinfães—1

O nosso primeiro time de futebol teve mais uma saída e está em Sinfães, que nos recebeu muito bem, fazendo estralejar alguns foguetes.

Depois seguimos para o parque de jogos da Vila, que apresenta uma boa enchente. Foi pena o tempo estar um pouco frio e enevoado.

Sob a arbitragem do Senhor Soares, jogador treinador do F. Club Sinfães, os grupos alinharam:

Futebol Club de Sinfães: Pedro, Joaquim, João e Manuel; Valdemar e Alexandre; Anibal, José, Marcelino, Jorge e Mário.

Grupo Desportivo da Casa do Gaiato: Caminha, Augusto, Manel Dias e Nicolau; Prata e Santa; Abel, C. Pereira, Agostinho, Malaia e Carlitos.

O jogo começou em grande velocidade, pertencendo ao nosso team os primeiros ataques, muito bem conduzidos, que só não resultaram por manifesta falta de sorte. O nosso melhor rematador está a ser o Malaia, que de qualquer maneira tem visado as balizas à guarda de Pedro, que também está a defender muito bem.

Perto da meia hora a nossa linha média tem uma jogada vistosa, concluída com um remate de Malaia, que, ainda raspou no poste já com o guarda-redes batido.

Seguem-se alguns ataques, ora nossos, ora deles e assim termina a primeira parte com o F. C. Sinfães a ganhar.

O resultado mais certo seria o empate pois a nossa equipe sempre foi superior excepto nos 10 minutos finais em que o Sinfães se agigantou.

Os nossos melhores já são: António Prata Manuel Dias e Malaia.

Também merecem especial referência o Agostinho e C. Pereira, que nunca têm virado a cara à luta apesar de terem pela frente um defesa duríssimo.

Dos nossos adversários têm-se distinguido: Pedro e Marcelino.

A segunda parte começou com o Sinfães ao ataque a procurar consolidar o resultado logo no princípio da segunda parte, mas a nossa defesa, com Manel e Prata em grande plano, não permitiu que as nossas malhas sejam tocadas de novo. Está-se a jogar muito com a bola no ar o que faz que o jogo não seja vistoso e sem resultados práticos. É uma maneira de empatar o tempo, que os nossos adversários adoptaram, para que o nosso grupo não atingisse o seu característico estilo.

Dos nossos jogadores destacamos: Prata e Manel, que foram os melhores em campo.

E do F. C. Sinfães: Pedro, João e Marcelino.

Daniel Borges da Silva

NOTÍCIAS DA CONFERENCIA—Cont. 3.ª página
20\$00 Do Porto. Assinante 16251, 30\$00 Vera Maria de Menezes 100\$. Lamego 20\$ Um assinante do Gaiato, de Gouveia 20\$. Caldas com 50\$ De Lisboa, o costume, para a Conferência de S. Vicente de Paulo da Aldeia, 20\$. Vinte escudos do Porto, de preferência para uma pobre parálitica. E mais Porto, 40\$00 Lisboa 20\$. Maceira Liz 100\$. Outra vez Porto, 100\$. Algures outro tanto. Maria da Glória, do Porto, diz numa carta: Vão aqui esc. 100\$00 (cem) para pagar as batatas dos «14 bicos».

Júlio Mendes

A fechar temos Vila Moreira com 200\$00. Se não me engano, o Pá roco anda a erguer casas naquela terra. Sendo assim é nas mãos dele e não nas minhas, que as ofertas devem ser entregues.

A Maria de Escalos de Baixo quer oferecer um casa e vai com mil à conta.

Colabore na «Campanha de Assinaturas», angariando novos assinantes.